

A periferia propõe: memória climática como proposta para os desafios ambientais

The periphery proposes: climate memory as a proposal for environmental challenges

La periferia propone: la memoria climática como propuesta para los desafíos ambientales

DOI:10.34119/bjhrv7n5-405

Submitted: Aug 27th, 2024

Approved: Sep 17th, 2024

Evânia de Paula Muniz

Doutoranda em Design e Artes

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Endereço: Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: ovilai@gmail.com

Carlos Eduardo Félix da Costa

Pós-Doutor Design e Artes

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Endereço: Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: eduardo.felix.costa@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda como a humanidade desde a Revolução Industrial, tornou-se uma força geológica, impactando drasticamente o clima do planeta. A crescente exploração de recursos naturais e o consumo desenfreado resultaram em desequilíbrios ambientais severos, com previsões de aumento de 4°C na temperatura global até o final do século XXI. As mudanças climáticas, intensificadas pela queima de combustíveis fósseis, afetam todo o planeta de forma interconectada. O estudo destaca estratégias aplicadas em comunidades periféricas, baseadas na filosofia do Bem Viver que podem contribuir para a construção de sociedades solidárias e recíprocas, alinhando-se a pensadores como Alberto Acosta, Edward Wilson e os princípios da Carta da Terra de 2000. A metodologia do Design comunitário é utilizada, em confluência com as vozes de “Paulo Freire (1967); Victor Papanek (1971); Jan Gehl (2013); Ezio Manzini (2006), Antônio Carlos Gil (2008) e Antônio Bispo do Rosário (2023).

Palavras-chave: arte, memória climática, educação, periferias, sociedade.

ABSTRACT

This article addresses how humanity since the Industrial Revolution has become a geological force, drastically impacting the planet's climate. The increasing exploitation of natural resources and unbridled consumption have resulted in severe environmental imbalances, with predictions of a 4°C increase in global temperature by the end of the 21st century. Climate change, intensified by the burning of fossil fuels, affects the entire planet in an interconnected way. The study highlights strategies applied in peripheral communities, based on the philosophy of Good Living that can contribute to the construction of solidary and reciprocal societies, aligning

themselves with thinkers such as Alberto Acosta, Edward Wilson and the principles of the 2000 Earth Charter. The methodology of Community Design is used, in confluence with the voices of "Paulo Freire (1967); Victor Papanek (1971); Jan Gehl (2013); Ezio Manzini (2006), Antônio Carlos Gil (2008) and Antônio Bispo do Rosário (2023).

Keywords: art, climate memory, education, peripheries, society.

RESUMEN

Este artículo aborda cómo la humanidad desde la Revolución Industrial se ha convertido en una fuerza geológica, impactando drásticamente el clima del planeta. La creciente explotación de los recursos naturales y el consumo desenfrenado han dado lugar a graves desequilibrios ambientales, con predicciones de un aumento de 4°C en la temperatura global para finales del siglo XXI. El cambio climático, intensificado por la quema de combustibles fósiles, afecta a todo el planeta de forma interconectada. El estudio destaca estrategias aplicadas en comunidades periféricas, basadas en la filosofía del Buen Vivir que pueden contribuir a la construcción de sociedades solidarias y recíprocas, alineándose con pensadores como Alberto Acosta, Edward Wilson y los principios de la Carta de la Tierra del año 2000. Se utiliza la metodología del Diseño Comunitario, en confluencia con las voces de "Paulo Freire (1967); Víctor Papanek (1971); Jan Gehl (2013); Ezio Manzini (2006), Antônio Carlos Gil (2008) y Antônio Bispo do Rosário (2023).

Palabras clave: arte, memoria climática, educación, periferias, sociedad.

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da história nos tornamos consumidores cada vez mais vorazes de recursos. As formas de expansão do capitalismo nos permitiram empregar uma variedade cada vez maior de produtos, e nossa ânsia por mais, nos fez colonizar e destruir terras e culturas até os confins do mundo. Exercemos esta prática de forma sistemática, industrializamos, não só os meios de produção e de trabalho, mas também nossa habilidade de extinguir recursos naturais, que hoje sabemos, não são infinitos.

Com o início da Revolução Industrial na segunda metade do século XVIII, o rápido crescimento populacional e a globalização, associados ao uso excessivo de recursos naturais, desequilibraram o planeta Terra. Nunca se consumiu tanto, ao ponto de estudiosos afirmarem que adentramos em uma nova era geológica. Saímos do Holoceno – época marcada pela integração das formas de vida pelo equilíbrio climático, cuja origem se deu há cerca de 12 mil anos, e entramos no Antropoceno, era em que a Terra está sob dominação humana. Segundo Wagner Costa Ribeiro (2015), professor da USP, em entrevista ao site “CN – Capital Natural¹”,

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=76gfeB1n-FI>

há uma discussão sobre quando esse período começou: se foi no início das navegações, através do intercâmbio de materiais biológicos, na Revolução Industrial, com o uso intensivo dos combustíveis fósseis, ou já na sociedade de consumo, após a explosão do artefato nuclear e o pós-guerra.

A novidade no antropoceno é que a humanidade se transformou de uma força biológica em força geológica. Jamais nós havíamos como espécie e nenhuma espécie havia feito isso anteriormente, determinado o funcionamento do nosso sistema climático. Se continuamos na rota atual, o horizonte até o final do século XXI é de um aumento de 4°C na temperatura média do planeta (Abramovay, 2015).

Embora um aumento de 4°C possa parecer pequeno, suas consequências podem ser desastrosas como o derretimento de geleiras, resultando em inundações e outros desastres ambientais. De acordo com o site da Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil, as mudanças climáticas referem-se a alterações de longo prazo nos padrões de temperatura e clima. Embora possam ocorrer naturalmente, como em variações nos ciclos solares, desde o século XIX as atividades humanas, especialmente a queima de combustíveis fósseis, como carvão, petróleo e gás, tem sido o principal fator dessas mudanças. A liberação de gases de efeito estufa atua como um cobertor ao redor da Terra, retendo o calor do sol e elevando as temperaturas. Como a Terra é um sistema interconectado, alterações em uma região podem ter impactos globais.

Nesse cenário, esse estudo apresenta estratégias aplicadas em comunidades periféricas que se ampliada em escalas, tem o potencial de mobilizar pessoas e transformar tanto o pensamento individual, quanto suas formas de vida.

Nesse texto, ecoam-se as vozes do “geógrafo Tuan Yi-Fu (1983), ao tratar de Espaço e lugar; de Alberto Acosta (2016); quando fala sobre O bem Viver; Edward O. Wilson (2000), a respeito da Biofilia; do Designer Ezio Manzini (2008); sobre comunidades, e de James Lovelock (2006), em sua abordagem sobre o meio ambiente. Todas essas ideias corroboram com os princípios da “Carta da Terra” (2000)”, documento ético concebido durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Rio-92.

O grupo de Memórias das Periferias do Rio de Janeiro, uma iniciativa da Ong Comunidades Catalizadoras (COMCAT), lançou o projeto “Memórias sobre o clima” com o objetivo de estimular a reflexão dos moradores de áreas vulneráveis sobre o desequilíbrio ambiental global. O projeto investigou o nível de conhecimento da comunidade acerca das mudanças climáticas, buscando compreender como o desequilíbrio ambiental pode afetar o

território negligenciado e de que maneira os moradores podem contribuir para mitigar os problemas resultantes dessa realidade.

O projeto incluiu cinco encontros realizados em diferentes comunidades, culminando em uma exposição coletiva. Cada comunidade teve a oportunidade de criar um objeto que representasse seu território, expressando a subjetividade do grupo.

2 METODOLOGIA

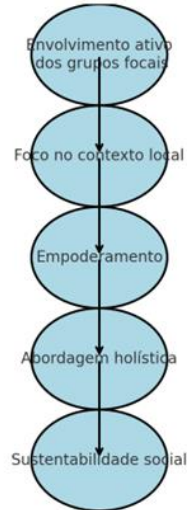
A metodologia utilizada foi Design Comunitário de natureza qualitativa, que envolve diretamente as comunidades na criação e desenvolvimento de soluções que atendam às suas necessidades específicas. Essa prática parte do princípio de que os moradores possuem o conhecimento mais profundo sobre seus próprios desafios e oportunidades, e por isso, devem estar ativamente envolvidos na concepção e implementação de projetos que impactam seu ambiente e qualidade de vida.

Como características principais temos?

1. Envolvimento ativo dos grupos focais: os grupos focais da comunidade são protagonistas em todas as etapas do projeto desde a identificação dos problemas até a implementação das soluções.
2. Foco no contexto local: o design é adaptado às necessidades, cultura e condições específicas da comunidade, garantindo que as soluções sejam pertinentes e sustentáveis.
3. Empoderamento: A participação no processo de design fortalece a autonomia e a capacidade de ação da comunidade, contribuindo para a construção de capital social.
4. Abordagem holística: Considera todos os aspectos, integrando saberes ancestrais, teorias e técnicas contemporâneas.
5. Biointeração: o design comunitário busca criar soluções que não apenas resolvam problemas imediatos, mas também promovam o envolvimento a longo prazo e o bem-estar da comunidade.

Essa metodologia conflui com as filosofias de “Paulo Freire (1967); Victor Papanek (1971); Jan Gehl (2013); Ezio Manzini (2006) e Antônio Carlos Gil (2008) “Métodos e técnicas de pesquisa social”. E está ancorada na obra de Antônio Bispo do Rosário (2023), “A terra dá, a terra quer.

Figura 1 – Esquema da Metodologia de Design Comunitário



Fonte: Desenvolvido por Evânia de Paula.

As setas entre os círculos mostram a relação e a continuidade entre as etapas. O Design Comunitário começa com o envolvimento da comunidade, passando pelo entendimento do contexto local e pelo empoderamento até integrar uma visão holística que culmina em biointerações. O esquema também reflete a natureza cíclica e colaborativa do processo em que cada etapa reforça a outra, criando um ciclo de saber orgânico.

O foco é sempre a participação comunitária e o Bem Viver.

Em seu livro o quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023) observa que o modo de ser, o modo de fazer e o vocabulário de cada localidade deve-se antes de tudo, fazer parte do pesquisador, à exemplo no quilombo em que ele pertenceu, começando com a gramática.

Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração, para a coincidência, trouxemos a confluência, para o saber sintético, o saber orgânico, para o transporte, a transfluência, para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento, para a colonização, a contracolônização...e assim por diante (Bispo, 2023, p. 4)

Bispo (2023) destaca como é importante repensar e reinventar conceitos em várias áreas para criar soluções integradas e colaborativas. Ele enfatiza a importância de uma compreensão mais holística e orgânica do conhecimento como base para construir uma sociedade justa, evitando a colonização mental imposta pelos poderes dominantes aos povos originários, que muitas vezes ignoram até mesmo sua própria linguagem. Essa mentalidade parte do pressuposto errôneo de que tais comunidades estão em uma posição inferior e, portanto, devem ser submissas.

Não há quem diga, sobre a vida de um povo, melhor que suas cantigas. Nem há pujanças, que expresse o nosso povo, melhor que as suas danças (Antônio Bispo)².

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob a coordenação da equipe COMCAT, foram realizados grupos focais em cinco favelas como parte de um projeto piloto (Museu da Maré, Museu Rocinha, Núcleo de Pesquisa de Santa Cruz, Museu da Favela, Núcleo de Memórias do Vidigal). Nesses encontros foi abordado os impactos ambientais nas comunidades e foi refletido sobre épocas em que o clima era menos polarizado. O objetivo central foi promover a conscientização e incentivar a interação comunitária.

O Designer Ezio Manzini (2008), em seu livro “Design para inovação social e sustentabilidade”, destaca o papel essencial das comunidades na formação de redes e na busca por um futuro resiliente, visto como uma forma de inovação social.

O termo inovação social refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar oportunidades. Tais inovações são guiadas mais por mudanças de comportamento do que por mudanças tecnológicas ou de mercado, geralmente emergindo através de processos organizacionais “de baixo para cima” em vez daquelas “de cima para baixo” (Manzini, 2008 p. 61).

Manzini (2008), ressalta que, quando bem incentivadas, as comunidades se transformam em poderosas tecnologias para a criação de redes e a construção de um futuro resiliente.

Comunidades criativas geram soluções capazes de responder a todas as perguntas. Perguntas que são tão corriqueiras quanto radicais. Perguntas que o sistema de produção e consumo dominante, apesar de sua oferta impressionante de produtos e serviços, é incapaz de responder e, sobretudo, de responder adequadamente do ponto de vista da sustentabilidade (p.65).

3.1 1ª RODA DE MEMÓRIA CLIMÁTICA DAS FAVELAS NO MUSEU DA MARÉ.

No dia 28 de janeiro de 2023, ocorreu a primeira edição da série: “Roda de Memória Climática”. Conforme relatado por Priscila Silva, do Jornal Rio OnWatch³, o evento foi realizado no Museu da Maré⁴ (Avenida Guilherme Manuel, 26, Maré, Rio de Janeiro), e durou

² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OJZWP-FUpJU>

³ <https://rioonwatch.org.br/?p=68480>

⁴ <https://rioonwatch.org.br/?p=68480>

todo o sábado, reunindo cerca de 57 participantes, incluindo membros do grupo focal local e convidados.

A dinâmica do encontro seguiu três momentos principais. No primeiro os participantes formaram uma roda (Figura 2) no qual cada pessoa se apresentou e compartilhou um pouco de sua história. No segundo momento, uma integrante do Museu da Maré conduziu uma atividade lúdica: Eram sorteados nomes de pessoas que trouxeram objetos pessoais para compartilhar com o grupo, explicando o significado desses itens em suas memórias.

Figura 2: Participantes da 1ª Roda de Memória Climática, no Museu da Maré



Fonte: Alexandre Cerqueira
<https://rioonwatch.org.br/?p=68480>

No terceiro momento, os participantes foram convidados a refletir e responder as seguintes perguntas:

1. O que são mudanças climáticas?
2. Como se deu a ocupação e qual é a relação desse território com o clima e natureza?
3. De que forma as questões climáticas e ambientais estão ligadas ao direito e à moradia?
4. Quais conhecimentos a comunidade já desenvolveu para lidar com os desafios impostos pela natureza e pelo clima?

Dentre as respostas algumas se destacaram:

Tudo isso, tange muito, A questão de racismo ambiental. A gente tá falando da questão do ambiente, mas também a gente tá falando de uma estrutura social. A gente tá falando da não efetivação de políticas públicas, que aqui na Maré, acontece de uma maneira e, no centro do Rio de Janeiro é outra (Victória Alves).

Não por acaso o centro do museu é uma palafita. Porque a palafita é uma estratégia de sobrevivência, é um saber, é uma tecnologia pra você saber lidar com aquele fenômeno natural que é a maré, sob a qual você não tem controle. Hoje a gente anda e tudo isso aqui é bairro, aterrado, mas quando as pessoas vieram morar aqui e pouca

coisa era aterrada, a maior parte dos casos foram construídos em cima da Maré, em cima da água. As casas não eram leves, tinham que ter estrutura, porque o telhado era de barro. Em geral, se vocês olharem as fotos do museu, vocês vão ver que na maioria dos casos era de barro. É um peso muito grande. Então, aquilo ali é uma verdadeira obra de engenharia. Eu acho que a gente não pode perder de vista que este saber é um símbolo, é uma referência que a gente tem aqui na Maré (Antônio Carlos Vieira).

Os participantes recordaram o movimento “Está rolando um clima na Maré”, realizado em julho de 2022 por coletivos, lideranças e moradores. Esse movimento culminou na criação da “Cartas de Direitos Climáticos da Maré,⁵” que destaca:

“As mudanças climáticas”, parece ser algo distante do nosso território, mas é aqui no Complexo da Maré no Rio de Janeiro que sentimos na pele os efeitos, assim como tantos outros lugares de vulnerabilidade no Brasil. (Carta de Direitos Climáticos da Maré, p.4).

3.2 2ª RODA DE MEMÓRIA CLIMÁTICA DAS FAVELAS NO MUSEU SANKOFA, ROCINHA

No dia 04 de fevereiro de 2023, foi realizado o segundo encontro sobre Memória Climática das Favelas, dessa vez no Museu Sankofa⁶, localizado no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Ayrton Senna (Autoestrada Engenheiro Fernando Mac Dowell, 16 – São Conrado, Rio de Janeiro). Seguindo a mesma proposta do encontro anterior, o evento reuniu em torno de 50 participantes (figura 3) conforme relatado pelo jornalista Leonardo Coelho (RioOnwatch).

Nesse contexto, algumas vozes dos moradores da Rocinha:

⁵ https://drive.google.com/file/d/1oPhfA6pyPKvKES7Euusbsj01li_ot_OF/view

⁶ <https://rioonwatch.org.br/?p=66233>

Figura 3: Leandro de Castro, militante do A Rocinha Resiste



Fonte: Leonardo Coelho
<https://rioonwatch.org.br/?p=66233>

Hoje a gente vive numa cidade onde o concreto tomou lugar da floresta. A Rocinha era um lugar de classe operária que queria morar mais próxima do seu trabalho, mas hoje a Rocinha está no seu limite. A gente já sabe o que cada um que desconhece a luta local vai falar. “Esse movimento da comunidade tentando se preservar é história. O Projeto “Rocinha Sem Fronteiras”⁷ já faz isso. Os mutirões de limpeza. Mas estamos no limite do adensamento. A natureza tem dado e vai continuar dando a sua resposta. Fico com muito receio, nessa época do verão, quando fecha o céu no final da tarde, fico com muito medo. Fico muito preocupado porque a gente está presenciando, o estado criou um costume, que só cria respostas, não previne. Não queria que elas vissem só quando o *Laboriaux* descesse. Ou a *Dioneia*. Esse é o momento de a gente poder fazer uma incidência de falar que a Rocinha tá no limite. Quando a natureza der essa resposta vai ser um caos. Eu queria que a gente pudesse se organizar antes disso acontecer (Leandro de Castro).

A Rocinha ainda tem um grave problema, porque fica na bainha da Floresta da Tijuca. Estamos destruindo o nosso pulmão verde da cidade. O nosso pulmão. A gente está destruindo totalmente a Rocinha. Então você não respira há muito tempo, não circula há muito tempo e tá cada vez pior (Maria Helena Carneiro de Carvalho).

A gente não fala a favela da Rocinha porque é muito extensa. Eu falo “as Rocinhas”, porque tanto a ocupação quanto às políticas públicas chega aos moradores de forma diferente. Quem mora no bairro Barcelos, área mais urbanizada, tem uma condição de vida diferente de quem mora na Mocega, Roupa Suja. É importante individualizar. Pensar em cada bairro com a realidade de cada local (Izabel Carvalho).

⁷ <https://www.falaroca.com/mapa/rocinha-sem-fronteiras/>

3.3 3ª RODA DE MEMÓRIA CLIMÁTICA DAS FAVELAS NO NOPH EM ANTARES, SANTA CRUZ

No dia 11 de fevereiro de 2023, ocorreu a terceira Roda de Memória Climática, promovida pelo Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH)⁸, situado na Rua das Palmeiras Imperiais, s/n, Santa Cruz, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Conforme o formato dos encontros anteriores (figura 4), os participantes iniciaram suas histórias e experiências de vida na comunidade.

A comunidade de Antares fica numa área que historicamente é uma bacia e sempre alagava, a maioria dos canais que estão hoje no bairro de Santa Cruz foram construídos pelos padres jesuítas, quando ocuparam o bairro. Eles fizeram plantações, mas acabavam perdendo ela porque alagava. Aí, construíram os canais, pela força das pessoas escravizadas. Os padres idealizaram e os negros escravizados construíram (Leonardo Ribeiro).

Figura 4 – Moradora Eufrosina Silva



Fonte: Alexandre Cerqueira
<https://rioonwatch.org.br/?p=68201>

Eufrosina Silva, aos 81 anos e moradora de Antares há 45 anos comentou:

A luta foi grande. Trabalhei na associação de moradores. Depois eu estudava à noite para ser professora de creche, graças à Deus eu trabalhei na creche 25 anos, lá em Santa Cruz. Saia meio-dia e trabalhava com idosos até às cinco da tarde. Trabalhei muito e agora estou descansando. Mas estou viva, estou aqui no meio de vocês e estou aqui presente. E Antares tem muita coisa pra fazer (Eufrosina Silva).

Carmem Lúcia relatou:

⁸ <https://rioonwatch.org.br/?p=68201>

Vim pra cá em 1976 trabalhar na escola. Antares foi a estrela que mudou minha vida, sou apaixonada por Antares, aqui eu voltei a estudar. Gostei da escola e fiquei trabalhando, e quando a comunidade religiosa veio, a gente construiu a primeira ponte que dividia as comunidades. Tô aposentada, mas vim ajudar no que for necessário na comunidade (Carmem Lúcia).

Sérgio Sodré observou:

É fácil culpar a comunidade de Antares pelas enchentes, mas os moradores estão sempre preocupados com o bem-estar da comunidade. O verdadeiro problema está na falta de recursos para educação, lazer, esporte. Eu fiz a minha parte, mas precisamos de um esforço maior para que todos na comunidade compreendam a importância de se preocupar com o futuro.

3.4 4ª RODA DE MEMÓRIA CLIMÁTICA DAS FAVELAS NO MUSEU DE FAVELA

No dia 11 de março de 2023, o encontro foi coordenado pelo Museu da Favela (MUF)⁹ e outras organizações locais, como o “Favela + Limpa, o Planta na Rua, PPG Informativo, Solar Meninos de Luz e Pacto pela Juventude”. O evento reuniu cerca de 30 pessoas e seguiu a proposta dos encontros anteriores (figura 5), com os participantes compartilhando suas memórias em que o clima desempenhava um papel central.

Marcia Santos Pinto comentou:

As mudanças climáticas eu entendo como todas as transformações do clima e temperatura ao longo dos anos, ao longo do tempo. Mas atualmente, o clima vem sendo prejudicado por causa da ação do homem mesmo, tudo que ele faz de ruim com relação ao seu modo de vida. Como descartar o lixo por exemplo, já vi ao longo da minha vida alguns deslizamentos aqui, pessoas e família que morreram por causa disso. A má conservação, a distribuição do lixo, é uma coisa muito grave (Marcia Santos Pinto).

Figura 5 - Sara Hins, jovem participante do Pacto pela Juventude



Fonte: Alexandre Cerqueira
<https://rioonwatch.org.br/?p=68463>

⁹ <https://rioonwatch.org.br/?p=68463>

Sara Hins destacou:

Quando tem uma chuva muito forte, e por causa da falta de coleta, acaba descendo muita água e muito lixo no meio da estrada. Muitas poucas pessoas têm conscientização e muitos poucos, fazem esse trabalho de limpeza e educação. Mudanças climáticas na favela é isso aí (Sara Hins).

Valdete Santos relembrou:

Em 1966 aconteceu o que hoje chamam de enchente, lá no asfalto. Mas aqui no morro não é bem enchente, porque o que aconteceu é uma enxurrada. Muitos perderam casas e com isso pessoas foram para a Cidade de Deus. Eu tinha uma tia que foi para lá, pessoas foram para Paciência, Antares. Os governantes aproveitaram para remover (Valdete Santos).

3.5 5ª RODA DE MEMÓRIA CLIMÁTICA DAS FAVELAS NO NÚCLEO DE MEMÓRIAS DO VIDIGAL

O quinto encontro sobre Mudanças Climáticas ocorreu no dia 12 de março, na sede do Instituto Todos na Luta¹⁰. Localizado na Rua Caminho Boa Vista 112, Vidigal, zona sul do Rio de Janeiro. O evento foi organizado pelo Núcleo de Memórias do Vidigal¹¹ e contou com a presença de representantes da “Associação dos Moradores da Vila do Vidigal (AMVV), Ong Horizonte, Comunidade Recicla, Ong SER Alzira, Projeto ART de Cor Vidigal e Vidigal na Social”. Aproximadamente 50 pessoas participaram do encontro (figura 6), que seguiu a proposta trazida pela Ong Comunidade Catalizadora (COMCAT¹²).

Durante o encontro, um mapa foi apresentado pelos organizadores, permitindo que os participantes identificassem seus próprios locais. Bárbara Nascimento, fundadora do Núcleo de Memórias do Vidigal, iniciou sua fala destacando:

É interessante se procurar no mapa, porque por muito tempo a favela não estava no mapa, quanto a questão espacial da favela, o Vidigal tem uma particularidade, nossas ruas homenageiam as pessoas que tiveram papel na nossa história. Por exemplo, O Arvrão, que é o seu Armando. A gente homenageia nossas personalidades em vida (Bárbara Nascimento).

Armando Almeida Lima, ex-presidente da A.M.V.V compartilhou:

¹⁰ <https://todosnaluta.wordpress.com/>

¹¹ <https://rioonwatch.org.br/?p=66937>

¹² <https://comcat.org/>

Cheguei em 1959. A comunidade aqui era uma mata, a gente respirava um ar puro, da montanha. O tempo foi passando, as pessoas precisam de casa. Da minha janela eu vejo, o que era mato, mato virou casas. O povo tem que morar! As pessoas precisam morar! Meus filhos vão morar onde? No Leblon não pode. Então, tem que ser aqui. Tiro mais uma árvore, menos uma árvore, menos um ar puro para respirar (Armando Almeida Lima).

A jornalista local Rita de Cássia Machado recordou:

Eu me lembro de uma casa na pedrinha, a primeira casa que foi construída em cima da pedra. Os moradores fizeram a denúncia, a associação derrubou. Se construiu uma casa colada na pedra. No início não sabia de quem era a casa, depois que foi conhecido, a associação manteve sua postura (Rita de Cássia Machado).

Figura 6- Participantes da Roda de Memória Climática, no Vidigal



Fonte: Alexandre Cerqueira
<https://rioonwatch.org.br/?p=66937>

Este processo culminou em uma exposição “Memórias Climáticas”¹³, ocorrida no dia 17 de junho de 2023, na praça central da Vila Autódromo, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Elaborada coletivamente pelos Núcleos de Memórias e integrantes da ONG COMCAT. A mostra, que representou o desfecho de atividades desenvolvidas entre janeiro e março de 2023, integrou as propostas de cinco comunidades.

A exposição incluiu:

- 7 banners: apresentando o título “Rodas de Memória Climática 2023”, o texto curatorial, resumo das respectivas comunidades na linha do tempo.
- Poço de memórias: criado pela artista plástica Evânia de Paula (Núcleo de Memórias do Vidigal) Com mais de 100 fotografias históricas das 5 comunidades contempladas. O poço

¹³ <https://www.favelasustentavel.org/memoria-climatica>

com dimensões de 2.10X1.10m, estava situado no centro da linha do tempo e as fotos com descrição no verso, podiam ser manuseadas.

- Mapa interativo: produzido pela artesã Marli Damascena (Museu da Maré) medindo 120X200cm, do município do Rio de Janeiro, permitia que o público interagisse marcando seu lugar com post-its. Também foram exibidos mapas individuais para cada favela em papel fotográfico de 50X70cm.

Peça de teatro “Penha”: Com duração de 45 minutos, abordou as angústias e esperanças de Penha uma liderança da Vila Autódromo durante um momento de remoção.

O evento foi parte do Grupo de Trabalho (GT- Memórias), formado pela ONG Comunidades Catalizadoras (COMCAT), que visa promover reflexões sobre os desafios climáticos enfrentados pelas comunidades vulneráveis.

Utilizando a metodologia do Design Comunitário, o GT Memórias Climáticas procurou inspirar os moradores a se engajar com a temática ambiental.

Com cerca de cinquenta participantes em cada encontro, o evento demonstrou ser um aprendizado significativo para a comunidade, estimulando a mobilização em torno de outros temas.

Durante os encontros surgiu a expressão “Memória Climática”, como resultado das discussões sobre o passado da comunidade e seus impactos atuais. Foram abordados temas como geografia do lugar, a flora histórica, as moradias, as relações entre os moradores e suas condições atuais. O clima dos encontros foi de saudade, com lembranças de pessoas ausentes, tentativas de remoção, deslizamentos e fragilidades das construções.

Na ciência, a memória climática é representada por registros naturais como anéis de crescimento das árvores, camadas de gelo, calotas polares e nas montanhas. Hoje com a ajuda da tecnologia e estudos antropológicos pode-se entender melhor o futuro que nos reserva. Segundo o investigador britânico James E. Lovelock (2006), criador da “Teoria de resposta a Terra – Hipótese de Gaia”, qualquer organismo que impacte negativamente o ambiente acabará por ser eliminado. O aquecimento global, causado pelo homem, representa um risco de extinção.

Para a comunidade (figura 7), compreender e refletir sobre esses temas pode gerar movimentos que valorizam o cuidado com o Planeta Terra. A participação no GT Memória Climática nas favelas foi de grande relevância, pois une articuladores das periferias, em torno de um tema que impacta diretamente suas vidas, é uma ação local, com impacto global.

Esses exemplos mostraram como as favelas, apesar de negligenciadas, tem uma longa história de resiliência e adaptação às condições ambientais adversas.

Figura 7: Participantes do Memória Climática das Favelas
Vila Autódromo, Rio de Janeiro



Fonte: (Gabriel, COMCAT, 2023)

<https://rioonwatch.org.br/?p=69015#:~:text=Uma%20Exposi%C3%A7%C3%A3o%20em%20um%20Museu%20Aberto&text=Vila%20Aut%C3%B3dromo%20onde%20se,dos%20Jogos%20Olimp%C3%ADmpicos%20de%202016.>

As encíclicas papais também oferecem diretrizes para a transformação social. Em *Laudato Si* (Francisco, 2015), o Papa Francisco elogia a natureza e propõe soluções para enfrentar os desafios ecológicos globais. O documento de natureza pedagógica, destaca a importância da educação ambiental e a preservação do meio ambiente, em passagens como a de número 210: “É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida (Francisco, 2015, p.161).

Em o “Bem Viver” (2016), o economista Alberto Acosta acusa o modelo de exploração de recursos naturais e oferece caminhos para uma sociedade onde nós, seres humanos, sejamos uma promessa e não uma ameaça. Essa proposta é sustentada em uma convivência cidadã, baseada no conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo.

O mundo precisa de mudanças profundas, radicais. Urge superar as visões simplistas que transformaram o economicismo em eixo da sociedade. Precisamos de outras formas de organização social e novas práticas políticas. Para obtê-las, é imprescindível despertar a criatividade e consolidar o compromisso com a vida, para não nos convertermos em meros aplicadores de procedimentos e receitas caducas. (Acosta, 2016, p.21)

Acosta sugere buscar o “Bem Viver” tendo como base a economia solidária, que vem ganhando força em diversas partes do mundo. Esse movimento inclusivo aborda questões de cunho ambiental, social, econômico e de governança, e acende as esperanças de que o envolvimento sustentável possa oferecer uma nova visão de mundo.

Nos últimos anos, universidades, grandes organizações e estudiosos, tem se empenhado em diagnosticar e expor os danos ambientais que o planeta enfrenta. No entanto, o desafio vai além dessa identificação, é crucial construir uma cultura ecológica que permita um desenvolvimento alternativo ao capitalismo, baseado na harmonia com a natureza e na construção de sociedades solidárias e recíprocas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia Design Comunitário, demonstrou-se eficaz na análise dos impactos ambientais e das memórias comunitárias aplicado nas cinco favelas. Os encontros, que culminaram em uma exposição coletiva no dia 17 de junho de 2023, evidenciaram a relevância de integrar os conhecimentos e experiência dos moradores das comunidades envolvidas. As atividades realizadas entre janeiro e março de 2023, foram fundamentais para a criação de propostas comunitárias que destacaram o valor da memória e a preocupação com o clima, aspectos de grande importância para a criação de um futuro igualitário.

Com cerca de 50 participantes em cada encontro, o nível de engajamento comunitário foi notável. As atividades evidenciaram a importância e um impacto positivo desse tipo de iniciativa, proporcionando um aprendizado significativo para a comunidade local e estimulando outros grupos a se envolverem com o tema das memórias climáticas.

Com base nas falas citadas e nas observações durante a pesquisa, “Memória Climática nas favelas” representa o saber coletivo das comunidades, marcado pela resistência e adaptação aos desafios ambientais, agravados pela desigualdade social e falta de infraestrutura. A iniciativa evidenciou a importância de valorizar e preservar o ambiente em que se vive e que ações coletivas podem facilitar esse cuidado.

Para o geógrafo Tuan (1983), a experiência implica na capacidade de apreensão de vivências, circuito que passa por emergir, atuar, criar a partir de um intenso contato com as coisas.

O resultado alcançado pôde ser visto no dia 17 de junho, durante a Exposição sobre Memórias Climáticas”. Quando os participantes trocavam suas experiências de vida e como se sentiam no encontro com o outro que partilhavam memórias similares.

AGRADECIMENTOS/NOTA FINAL

Expresso minha gratidão aos grupos comunitários que colaboraram neste estudo, compartilhando suas experiências e conhecimentos e a COMCAT pelo alinhamento do projeto e suporte, tornando a realização deste trabalho possível.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ARAÚJO, Aline, **3ª Roda de Memória Climática das Favelas do NOPH, Antares, Santa Cruz**. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=68201>, Acesso em 04/09/2024.
- CAPITAL NATURAL. Marina Machado entrevista: O geógrafo Wagner Costa Ribeiro e economista Ricardo Abramovay, **A era do Antropoceno – Parte 1 e 2**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=76gfeB1n-FI> . Acesso em: 3 set. 2024.
- CERQUEIRA, Alexandre, **4ª Roda de Memória Climática das Favelas no Museu de Favela**. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=68463>, Acesso em 05/09/2024.
- COELHO, Leonardo, **2ª Roda de Memória Climática das Favelas no Museu Sankofa, Rocinha**. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=66233>, Acesso em 05/09/2024.
- DIAS, Bárbara, **Quando memórias se encontram: Rede Favela Sustentável lança exposição Memória Climática das Favelas**. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=69015#:~:text=Uma%20Exposi%C3%A7%C3%A3o%20em%20um%20Museu%20a%20C%C3%A9u%20Aberto&text=Vila%20Aut%C3%B3dromo%20C3%A9%20onde%20se,dos%20Jogos%20Ol%C3%ADmpicos%20de%202016>. Acesso em 05/09/2024.
- FRANCISCO, Santo Padre. Carta Encíclica – **Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf > Acesso em: 5 set. 2024.
- LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. [Entrevista concedida a] Diogo Shelp, em 25 out. 2006. Disponível em <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-5SF/Claudio/A%20vingan%E7a%20de%20Gaia.pdf>. Acesso em: 06 agosto 2024
- MACHADO, Rita de Cássia, **5ª Roda de Memória Climática das Favelas no Núcleo de Memórias do Vidigal**. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=66937>, Acesso em 05/09/2024.
- MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**, VOLUME 1. Produção Coppe/UFRJ Editora E-papers - RJ, 2008.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, **A Carta da terra**, 29/06/2000 Disponível em < <https://web.archive.org/web/20151031075647/http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra> > Acesso em 25 de março de 2024
- RFS, **Exposição Memória Climática**. Disponível em <https://www.favelasustentavel.org/memoria-climatica>, Acesso em 06/09/2024.
- WILSON, Edward o. **Biofilia**, Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- YI-FU, Tuan. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Editora Difel, 1983.

SANTOS, A. (2023) **A terra dá, a terra quer**, Editora Ubu, SP/SP.

SILVA, Priscila - **1ª Roda de Memória Climática das Favelas – Museu da Maré**

Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=68480> Acesso em 03/09/2024